

8

Considerações finais

*One conclusion of this research is that in addition to needing a good understanding of L2 writing to help students effectively, teachers may also need an idea of how their novice writers differ from comparable L1 language groups.*¹²⁴

(Hyland, 2002, p. 178)

A motivação para a presente dissertação adveio do desejo inicial de estudar a escrita de universitários em língua inglesa. A escolha por verbos modais de forma mais específica surgiu do fato de que estes são traços característicos da produção escrita aqui investigada (cf. Capítulo 1). Ao optar por esta linha de investigação, o presente estudo enfocou uma área pouco explorada. Aijmer (2002, p. 74) comenta que “a pesquisa até o presente momento tem somente revelado a superfície da modalidade, que é uma área rica e promissora, digna de investigação adicional”.¹²⁵

Esta dissertação afastou-se de impressões intuitivas de falantes ao privilegiar a investigação baseada em corpus (cf. Capítulo 2). Como aponta Berber Sardinha (2004, p. 268-269), tal estudo é necessário na agenda de pesquisa visto que

¹²⁴ Tradução livre para o português: “Uma conclusão desta pesquisa é que além de precisar de uma boa compreensão da escrita em L2 para auxiliar seus alunos efetivamente, os professores também devem precisar de uma idéia de como seus escritores principiantes diferem de grupos de L1 comparáveis”.

¹²⁵ Tradução livre do seguinte fragmento: “Research up to the present has only scratched at the surface of modality, which is a rich and promising field highly worthy of further investigation”.

A pesquisa em aquisição de língua estrangeira tem se pautado pelo entendimento do aprendizado como processo. O resultado é que a preocupação tende a ser o entendimento de como ocorre a aquisição na mente do aluno, ou seja, há uma preocupação excessiva com os aspectos cognitivos da aprendizagem. A consequência disso é que o estudo da produção dos alunos, ou seja, de como o aprendizado se concretiza, é preterido, e, portanto, não há lugar para a investigação de corpora de aprendizes.

A investigação aqui realizada partiu de outra perspectiva, a saber, a análise dos textos produzidos por falantes brasileiros de ILE.

Esta pesquisa focalizou a produção escrita de universitários em inglês tanto de estudantes brasileiros de ILE como de alunos americanos e britânicos de IL1. Assim sendo, objetivou-se iluminar o conhecimento que se tem sobre as redações de universitários em inglês, gênero que desempenha importante papel na avaliação acadêmica destes alunos no contexto de ensino de terceiro grau (cf. Seção 3.2).

Não se acredita que somente uma melhora no uso de algum aspecto pontual levará necessária e automaticamente a uma melhora na escrita já que esta habilidade engloba também outros conhecimentos como, por exemplo, na área de retórica. Porém, crê-se que uma melhora na proficiência dos escritores poderá levá-los a redigir seus textos de forma mais adequada aos contextos situacional e cultural em que estão inseridos. No caso específico do ambiente universitário, um texto que fuja às convenções de uso pode nem ser compreensível. Neste sentido, Grabe & Kaplan (1996, p. 61) afirmam que “a forma da superfície dos textos desempenha um papel mais importante na construção textual do que previamente previsto”.¹²⁶

De modo a investigar o uso de verbos modais à luz da lingüística de corpus, o estudo seguiu uma abordagem textual à escrita (cf. Hyland, 2002). Esta enfoca textos como produtos finais, enfatizando seus elementos identificáveis e analisáveis. Como aponta Ringbom (1998, p. 48), estudos acerca da escrita de universitários com base em frequência “podem iluminar as características do aprendiz avançado de inglês e, de forma indireta, o papel da transferência da L1”.¹²⁷

¹²⁶ Tradução livre do seguinte fragmento: “The surface form of texts plays a more important role in text construction than previously predicted”.

¹²⁷ Tradução livre do seguinte fragmento: “can shed some more light on the characteristics of advanced learner English and, at any rate indirectly, on the role of L1-transfer”.

Mais especificamente, decidiu-se estudar os verbos modais centrais (cf. Biber et al., 1999), a saber, ‘can’, ‘could’, ‘may’, ‘might’, ‘must’, ‘shall’, ‘should’, ‘will’ e ‘would’ já que eles revelaram-se palavras-chave no corpus de IL1 analisado. A literatura sobre o assunto indica ser este um aspecto recorrentemente investigado em língua inglesa com o auxílio de corpora. No entanto, no panorama brasileiro, observou-se certa escassez de estudos que investiguem os verbos modais centrais na escrita de universitários brasileiros em língua inglesa com o auxílio da lingüística de corpus.

De forma mais específica, a pesquisa realizada lançou mão de dois corpora para atingir os seus objetivos. O corpus de estudo constituiu-se em uma seção do Br-ICLE (cf. Seção 5.1.1) e o corpus de referência foi representado por um recorte do LOCNESS (cf. Seção 5.1.2).

No tocante ao tratamento de dados, três programas computacionais foram utilizados. O *WordSmith Tools* (Scott, 1999) revelou-se importante na exploração dos corpora, permitindo que uma investigação semi-automática dos textos fosse possível. Por sua vez, o SPSS foi empregado na verificação da significância estatística dos resultados. Já o *Excel* foi utilizado de forma a auxiliar o levantamento dos valores de associação entre palavras.

Com relação aos resultados encontrados, a pesquisa teve como objetivo responder às perguntas de pesquisa introduzidas no Capítulo 1. Em relação à primeira pergunta (Qual é a frequência de uso de verbos modais na escrita de universitários brasileiros em ILE, representada no Br-ICLE?), a escrita de falantes brasileiros de ILE apresentou grande recorrência de verbos modais que expressam permissão, possibilidade ou habilidade. Neste corpus, é o verbo modal ‘can’ que se apresenta como o mais frequente. Quanto à referência temporal, notou-se uma preferência pelas formas que não podem fazer referência ao passado.

No tocante à segunda pergunta (Qual é a frequência de uso de verbos modais na escrita de universitários americanos e britânicos em IL1, representada no LOCNESS?), o panorama delineado no LOCNESS mostrou-se diferente. Os verbos modais mais frequentes na escrita de falantes americanos e britânicos de IL1 foram ‘would’ e ‘will’, respectivamente, indicando uma preferência pelo uso de volição e predição. Notou-se também ser o grupo de verbos modais com possível referência ao passado o mais frequente.

Em um terceiro momento (Quais são as diferenças observadas no emprego de modais realizado por estes dois grupos de falantes?), a investigação focalizou uma análise contrastiva entre os resultados registrados para cada grupo. Percebeu-se que os falantes de IL1 empregam mais verbos modais do que os falantes brasileiros de ILE em sua escrita, conferindo ao primeiro grupo a indicação de fatos de forma menos assertiva e possibilitando uma maior interação com o leitor.

A análise da frequência de uso indicou haver um grande uso de ‘*can*’ e ‘*shall*’ por brasileiros ao passo que eles utilizaram todos os outros verbos em menor escala. Porém, somente nos casos de ‘*would*’ e ‘*will*’ foram encontradas diferenças significativas. O uso reduzido de ‘*would*’ pareceu ser uma característica comum à expressão escrita de falantes de ILE de diferentes nacionalidades (alemães, cantoneses, espanhóis, finlandeses, fino-suecos, franceses, holandeses e suecos) como apontam Hyland & Milton (1997) e Ringbom (1998). No caso de ‘*will*’, tal tendência não pode ser observada para todos os grupos nacionais. Contudo, o menor uso de ‘*will*’ apresentado por brasileiros também ocorreu na escrita de alemães, espanhóis, finlandeses, fino-suecos, holandeses e suecos (Ringbom, 1998), havendo somente duas exceções: a escrita de cantoneses e franceses (Hyland & Milton, 1997; Ringbom, 1998).

A última pergunta de pesquisa (Quais são os padrões de uso dos verbos modais em relação aos verbos lexicais nos dois corpora analisados [Br-ICLE e LOCNESS]?) relaciona-se à padronização de verbos modais no LOCNESS e em que medida esta poderia ser verificada no Br-ICLE. De forma resumida, o que a análise realizada parece indicar é que, conforme aponta Sinclair (1991), os falantes de IL1 apresentam certos padrões de uso já que é o princípio idiomático o mais importante na produção lingüística (cf. Erman & Warren, 2002). De forma semelhante, o presente estudo corrobora a investigação de Hunston (2000), que propõe a possibilidade de se realizar uma análise fraseológica de verbos modais. No entanto, estes padrões não são observados, em sua grande maioria, no Br-ICLE nem mesmo em relação ao modal ‘*can*’, que é o mais freqüente nos textos produzidos por brasileiros. A ausência de dados neste sentido revela-se importante como um provável indicador de que os falantes brasileiros de ILE aqui investigados parecem ainda não dominar totalmente os padrões de uso da língua inglesa.

De forma mais geral, os resultados da presente pesquisa parecem indicar diferenças na forma como falantes brasileiros de ILE constroem seus significados em redações quando estas são comparadas às produzidas por falantes de IL1 em relação ao uso de verbos modais. Oliveira (1997, p. 239) opta por caracterizar as redações de universitários como um pré-gênero:

O exame textual mais aprofundado de algumas dimensões identificadas para o corpus, considerando-se até que ponto estas composições se aproximam ou se distanciam das características de gêneros acadêmicos, levam-nos a caracterizar estes textos mais especificamente como um *gênero pré-acadêmico*.

Em outras palavras, estas redações representariam um ponto de partida para o desenvolvimento da noção de gêneros acadêmicos por parte destes alunos. Talvez, assim como levantado por Aijmer (2002), estes universitários não tenham o conhecimento dos graus de certeza e diretividade necessários a este gênero em IL1, o que os leva a diferir da produção de seus pares.

Entretanto, o uso divergente dos verbos modais por falantes de ILE e de IL1 pode estar relacionado a outro aspecto. Pode-se interpretar tal emprego como uma incompreensão por parte dos falantes brasileiros de ILE acerca da adequação de uso dos verbos modais.

Finalmente, pode-se também considerar que a diferença de uso aqui identificada esteja relacionada a questões culturais. Assim sendo, a divergência no uso de verbos modais seria um reflexo das culturas nas quais as populações investigadas estão inseridas.

O mapeamento destas diferenças mostra-se importante para auxiliar o ensino de ILE no âmbito brasileiro. Como indica a epígrafe que abre este capítulo, ao se conscientizarem das diferenças entre os dois grupos analisados, os universitários terão uma visão mais ampla de tal assunto e poderão informar seus (futuros) alunos a respeito de tais diferenças.

Não se trata, contudo, de considerar estas diferenças como problemas ou como características inferiores como apontado por Victori (1999):

Finalmente, acentuar o conhecimento pessoal é outro importante objetivo que o ensino de escrita em ILE deve considerar. Escritores precisam aprender, conhecer a si próprios de forma melhor, isto é, tornar-se conscientes acerca de suas deficiências e fraquezas na escrita. Se seus problemas particulares são trazidos à tona, eles terão uma imagem mais realista do tipo de incapacidade que eles têm que

enfrentar e das etapas que eles terão que seguir para melhorá-los. Finalmente, é importante que os escritores percebam a necessidade do envolvimento pessoal na escrita e que eles entendam que a escrita requer um esforço deliberado¹²⁸ (Victori, 1999, p. 552).

Os resultados encontrados nada mais são do que diferentes, não havendo um grupo melhor e outro pior (cf. Oliveira, 2000). Não se objetiva a identificação de “falantes não-nativos como comunicadores defeituosos”¹²⁹ como critica Seidlhofer (2004, p. 213).

A questão principal aqui é a de traçar as diferenças existentes entre estas duas populações de falantes de inglês como L1 e como LE, mas não a de obrigar os falantes de ILE a se inserirem em uma espécie de camisa-de-força lingüística na qual seus pensamentos devem ser moldados pela estrutura. Concorde-se aqui com Hermerschmidt (1999) quando a pesquisadora afirma que tais padrões possivelmente inibem que os aprendizes expressem suas próprias identidades na escrita. A eles deve ser dada a oportunidade de escolha de qual caminho seguir.

Desta forma, o que se prega não é que haja uma doutrinação dos alunos sem nenhuma formação crítica. Não se objetiva retroceder a um estágio no qual “falantes nativos foram considerados como o padrão-ouro, como árbitros finais de qualidade e autoridade”¹³⁰ (Graddol, 2006, p. 114). No entanto, estes alunos universitários devem ser conscientizados a respeito das diferenças existentes entre sua escrita e a de falantes de IL1 de forma que eles possam decidir que caminho tomar por si próprios. Em outras palavras, os alunos devem ter a escolha de poder não utilizar as formas tidas como ‘padrão’, mas têm a obrigação de serem ensinados acerca das formas mais adequadas. Afinal, são estas as formas que serão cobradas dos aprendizes em processos de avaliação como ocorre, por exemplo, nos exames internacionais de proficiência. Se os alunos escolhem não empregá-las, eles devem fazê-lo de forma consciente, quebrando padrões

¹²⁸ Tradução livre do seguinte fragmento: “Finally, enhancing person knowledge is another important goal EFL writing instruction should consider. Writers need to learn, to know themselves better, i.e. to become aware of their writing deficiencies and weaknesses. If their particular problems are brought to light, they will have a more realistic picture of the kind of handicaps they have to cope with and of the steps they will have to take to improve them. Finally, it is important that writers see a need for personal involvement in writing and that they understand that writing requires deliberate effort”.

¹²⁹ Tradução livre do seguinte fragmento: “nonnative speakers as defective communicators”.

¹³⁰ Tradução livre do seguinte fragmento: “Native speakers were regarded as the gold standard; as final arbiters of quality and authority”.

estabelecidos seja para (re)afirmar suas identidades culturais, criar ironia, impactar o leitor ou inovar em termos literários.

Em relação à aplicação pedagógica dos resultados da pesquisa, parece não ser suficiente e/ou adequado simplesmente indicar as frequências de uso dos verbos modais. Esta informação provavelmente não seria de grande valia para os estudantes brasileiros de ILE. No entanto, os dados frequenciais são úteis para indicar a sequência de apresentação dos verbos modais no ensino de ILE. Além disto, propõe-se que este ensino ocorra em unidades maiores, ressaltando os padrões de uso de modais e indicando a importância do princípio idiomático (Sinclair, 1991). A indicação desta padronização juntamente com o contexto dos verbos modais poderá auxiliar a compreensão deste assunto por parte dos alunos.

De acordo com Popper (2002 [1963]) na epígrafe que abre a presente dissertação, sempre que se encontra uma resposta para uma dada pergunta, outros questionamentos inevitavelmente surgem durante o percurso. Isto indica que o processo de conhecimento nunca está terminado visto que, como o filósofo postula, é o desconhecimento que tem um caráter infinito. Por este motivo, indicam-se a seguir possíveis encaminhamentos para pesquisas futuras.

Sugere-se que os corpora tanto o de pesquisa como o de referência, mas principalmente o primeiro, sejam aumentados. Como indicado anteriormente, devido às dificuldades de coleta de dados para corpora tão específicos, seus tamanhos não se assemelham aos corpora de língua geral. Entretanto, faz-se necessário expandir o número de itens do Br-ICLE e do LOCNESS para que os resultados possam ser mais robustos.

Ao realizar seu estudo, Aijmer (2002) indicou a possibilidade de o mesmo ter sido influenciado pela diversidade de tópicos e tipos textuais incluídos nos corpora de pesquisa. Aqui se eliminou o problema dos tipos textuais, optando-se tão somente por redações argumentativas em detrimento das literárias, que também fazem parte dos corpora do projeto ICLE e do LOCNESS. No entanto, a diversidade de tópicos não pôde ser controlada nem pôde a influência da mesma ser verificada visto que os temas não são informados explicitamente no caso das redações contidas no LOCNESS. Conseqüentemente, o possível atrelamento do uso de verbos modais com o tópico proposto precisa ser investigado no futuro.

Ainda acerca do tipo textual, sugere-se a investigação contrastiva de redações argumentativas com outras de natureza distinta – por exemplo,

narrativas. Assim sendo, será possível verificar que características lingüísticas se relacionam com a argumentação de forma mais específica.

Optou-se neste estudo pela investigação da população de falantes de IL1 como um todo, representada no LOCNESS por participantes americanos e britânicos. Apesar de tal escolha encontrar respaldo nos diferentes estudos contrastivos realizados no âmbito do ICLE, problematiza-se a junção da produção de duas nacionalidades em um mesmo corpus. Seria interessante verificar posteriormente em que medida americanos e britânicos diferem uns dos outros no tocante ao uso de verbos modais em suas redações.

Esta pesquisa indicou haver um emprego significativamente menor de verbos modais por falantes brasileiros de ILE do que por falantes de IL1. No entanto, sabe-se que o recurso da modalização como um todo é mais amplo, podendo ser realizado de outras formas e por meio de outras categorias gramaticais como, por exemplo, advérbios (*'possibly'*, *'probably'*) e verbos lexicais (*'seem'*, *'think'*). Em um futuro estudo, seria igualmente interessante observar se os universitários brasileiros empregam tais recursos em maior ou menor escala do que os universitários falantes de IL1.

Especula-se se o emprego significativamente menor de *'will'* e *'would'* por falantes brasileiros de ILE estaria relacionado à prática pedagógica. A mesma dúvida reside no alto uso de *'can'* por brasileiros apesar de a diferença não ser significativa. Caso a influência não se deva aos livros didáticos e/ou ao ensino, talvez fosse o caso de verificar em que medida estes resultados estão relacionados à questão da transferência da língua materna – o português – para a LE – o inglês.

De qualquer forma, é essencial que os resultados de pesquisas lingüísticas como esta possam atravessar as barreiras entre a academia e a sala de aula. É preciso incentivar que a educação deixe de ser a Cinderela do mundo acadêmico como metaforizado por Leech (1998). Somente desta forma poderá haver uma integração mais efetiva entre pesquisa e ensino de forma tal que a primeira informe a segunda, possibilitando a obtenção de resultados mais positivos.